

DA COEXISTÊNCIA DAS DIFERENÇAS AO DIÁLOGO ENTRE TEMPO E CULTURA

From the coexistence of difference to the dialogue
between time and culture



Ana Paula Marcelino da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) | João Pessoa, Brasil
marcelinopaula5@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-3564-3797

MATOS, Olgária. MILAN, Denise. AMADEO, Javier (orgs.).
2017. *Diálogo das civilizações: cultura e passagens*. São
Paulo: Editora da Unifesp, 283p.

*Por vezes, penso a questão da identidade como
essa tensão entre o que somos
independentemente do entorno, aquela vontade
de diferenciação, o quartzo tentando se proteger
da invasão daquilo que o cerca, do basalto, com a
percepção de que, ao mesmo tempo, sem a
camada de proteção constituída pelo basalto, ele,
quartzo, não seria quartzo, não seria nada (p.
265).*

Resumo

Esta resenha pretende apresentar os principais temas contidos no livro *Diálogo das Civilizações: cultura e passagens*, organizado por Olgária Matos, Denise Milan e Javier Amadeo. Tomando o diálogo como mote para apresentar argumentos sobre a cada vez mais necessária coexistência entre as diferentes formas de organizações humanas, os textos do livro têm a potencialidade de deslocar nossa visão de mundo desde as primeiras páginas, através do resgate de uma parte significativa da história do Líbano, país do oeste asiático. O livro é resultado de um seminário internacional que foi realizado na cidade de São Paulo no ano de 2013, chamado “Diálogo das Civilizações com Ênfase no Líbano”.

Palavras-chave

Diálogo; civilizações; Líbano.

Abstract

This review presents the main themes included in the book *Diálogo das Civilizações: cultura e passagens*, organized by Olgária Matos, Denise Milan and Javier Amadeo. The chapters use dialogue as the tone to present arguments about the increasingly necessary coexistence between different forms of human organizations. It has the potential to shift our worldview from the first pages through the rescue of a significant part of the history of Lebanon, a West Asian country. The book is the outcome of an international seminar that took place in the city of São Paulo in 2013, called “Diálogo das Civilizações com Ênfase no Líbano”.

Keywords

Dialogue; civilizations; Lebanon.



Como seria possível estabelecer um diálogo entre as múltiplas formas de organização social existentes no mundo? Haveria um “lugar-comum” entre elas? Como partir da diferença em direção a um equilíbrio que comporte a multiplicidade ao invés de estabelecer limites e separações? Questionamentos mais gerais como esses aparecem durante todo o livro *Diálogo das Civilizações: cultura e passagens* e são fundamentais para refletir sobre o conteúdo da obra. A organização tripartite do livro, a cargo de Olgária Matos, professora dos departamentos de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Denise Milan, escultora e artista brasileira e; Javier Amadeo, professor do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp, já é o apontamento inicial de que haverá um investimento na promoção de diálogos que estimulem a produção de um conhecimento múltiplo sobre o mundo.

Desde a suntuosa introdução de Edward J. Alam e Soraya S. Smaili, o livro coloca o Líbano como centro geográfico e histórico da humanidade para explicar a relação paradoxal desta terra, que comporta ao mesmo tempo a diversidade entre as culturas – fundamental para que o diálogo se concretize – e a ruptura dessa possibilidade, provocada pela perda de “sua vocação histórica”, como esclarecem os autores. Essa especificidade fez do Líbano um lugar de conflitos culturais que se arrastaram pelos tempos e que até hoje o castigam. Entretanto, esses também são os fatores que condicionam o Líbano a servir como *locus* cultural para o diálogo entre as diversas formas civilizacionais.

A primeira parte do livro, intitulada *O Encontro das Civilizações*, é composta por quatro artigos que explicam com muita precisão a vocação latente do Líbano para viabilizar o encontro entre as diversas formas de cultura. No primeiro capítulo, intitulado *As Cosmogonias e a Terra: O Canto da Pedra*, Denise Milan se apropria das características estruturais do quartzo e de sua relação com o basalto na gênese conflituosa ocorrida em lava vulcânica para explicar como as transformações geológicas da Terra, ao longo dos milênios, realizam um movimento análogo à promoção do diálogo. A gênese demonstra que a sobrevivência do quartzo na Terra depende de seis características da pedra, que vão da adaptação à constância. Um evento de ordem pessoal muito significativo para Milan foi a visita que fez ao Líbano, terra de seus avós.

Durante essa visita, a artista observou um ovo esculpido em pedra na entrada de um templo romano. Esta é a imagem que se encontra na capa do livro. Para a artista, o ovo esculpido, assim como o quartzo representam a possibilidade da criação de uma forma de entender as transformações históricas, promovendo, assim como ocorre com o quartzo, o diálogo no momento em que as diferenças levariam à separação.

O segundo capítulo, intitulado *A Biblioteca: o Cosmopolitismo do Espírito*, foi escrito por Olgária Matos. A filósofa começa explicando como o estabelecimento da alteridade em meio à diversidade cultural é o ponto de partida da experiência humana no mundo, que tem no Oriente Médio seu arquétipo. Por sermos “páginas de um mesmo livro”, a história presente nas bibliotecas, ou mais especificamente nos livros, tem a capacidade de aproximar autores e leitores de origens culturais diferentes, tornando a literatura um poderoso instrumento para solução de conflitos baseados na diferença. Já no terceiro capítulo – *Cultivando Filosofia: O solo do Líbano* – Edward. J. Alam, professor da Faculdade de Humanidades da Universidade de Notre Dame-Louaize (NDU) do Líbano, traz reflexões sobre as obras de dois filósofos islâmicos marxistas: Hussain Muruwwa e Mahadi ‘Amil. Conjugando fatores de uma matriz formada pelas filosofias de judeus, cristãos e muçulmanos, o autor propõe um reexame da teoria marxista no Líbano atual para explicar porque o debate islamita/secularista da filosofia islâmica, que remonta aos tempos medievais, ainda está longe de ser solucionado. Finalmente, o quarto capítulo desta primeira parte, *História Mundial e o Território do Líbano*, escrito por Joseph G. Rahme, professor de história da NDU do Líbano, estabelece interseções entre a história do território do Líbano e a história mundial. Desde sua localização geopolítica, fundamental para as conquistas e invasões, passando pela centralidade de sua história religiosa e chegando até sua inigualável capacidade de desenvolvimento da diversidade cultural. Ao longo de sua história, o território libanês tem função estratégica para proporcionar o diálogo entre as civilizações, como explica o autor.

A segunda parte do livro – *A Formação do Ocidente: Grécia, Judaísmo e Islamismo* – compreende o sexto, sétimo e oitavo capítulos da obra, respectivamente. O sexto capítulo, intitulado *O Legado de Galeno e a Tradição Médica Árabe*, foi escrito por Rosalie Helena de Souza Pereira, pós-doutora em filosofia medieval pela Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo. No texto, a autora explica como a conceituada medicina árabe-islâmica se desenvolveu a partir da análise de algumas concepções sobre fisiologia e patologia, contidas nas obras de nomes como Ibn Rushd (Averróis), Ibn Sina (Avicena) e Al-Majusi, este último responsável pela organização de uma das mais completas enciclopédias médicas durante a Idade Média, o *Kitab al-Malaki (Liber Pantegni)*. Já no sétimo capítulo – *A Filosofia em Árabe e as Três Escolásticas* – o professor de filosofia medieval árabe da Unifesp, Jamil Ibrahim Iskandar, analisa como o Alcorão, Livro Sagrado para o islamismo, foi central para o desenvolvimento da filosofia árabe-muçulmana. O autor destaca algumas obras de Avicena, médico e filósofo que influenciou diversos outros estudiosos da filosofia e da teologia do século XIII como Tomás de Aquino e Duns Escoto. Em *A Origem e o Retorno*, uma de suas obras mais conhecidas, Avicena elabora três tratados sobre as relações de contingência e necessidade para existência do ser com relação a si e aos outros. Finalmente, o oitavo capítulo do livro, *Deus como Lugar do Mundo em Hasdai Crescas*, escrito por Alexandre Leone, pós-doutor em filosofia judaica, esclarece algumas questões sobre a concepção de Deus no pensamento do filósofo Hasdai Crescas, que viveu entre 1340 e 1411, na Espanha. De acordo com Leone, Crescas redefine filosoficamente algumas noções centrais para as analogias que elabora em sua obra, diferentemente do que faziam os místicos, o que aproxima o autor das críticas renascentistas que rompem com o pensamento medieval.

A quarta parte do livro – *A Literatura e o Tempo* – é inaugurada pelo décimo capítulo, *A Sátira Medieval: Engenharia e Arte*, escrito por Saul Kirschbaum. O autor, que é pós-doutor em letras pela Unicamp, investiga a obra do poeta hebraico Todros ben Iehuda ha-Levi Abulafia, importante diplomata na época do rei Afonso X (século XIII). A principal particularidade das obras do poeta judeu é sua capacidade de se utilizar de expressões de origem religiosa para compor seus poemas caracteristicamente profanos e, além disso, dirigir-se a Deus através de expressões cotidianas para clamar pela solução de problemas também cotidianos. O décimo primeiro capítulo avança no tempo até chegar à obra do escritor israelense Amós Oz. Em *A Caixa Preta, de Amós Oz: um romance epistolar*, Berta Waldman, professora de literatura hebraica e judaica (Unicamp/USP), desvenda uma das obras do multifacetado escritor. Costurando com perfeição a narrativa ficcional ao

contexto político israelense – principalmente às disputas em torno do conflito Israel-Palestina – esta obra de Oz dá voz a diversos posicionamentos políticos na tentativa de potencializar intersecções entre grupos ideologicamente diferentes, fato que, de acordo com a autora do texto, delinea a polifonia do formato do romance. Por fim, o capítulo 12, *A Crônica do Pseudo-Ibn Qutayba, do século IX*, sobre a Invasão da Península Ibérica, traz um texto contido no livro *Alimama wa Assiyasa (A Liderança e o Governo)*, de Ibn Qutayba Addinawari, escritor muçulmano, sobre este evento que expandiu a presença muçulmana naquele território. Na breve e densa introdução do professor de língua e literatura da USP, Mamede Jarouche, são levantadas algumas hipóteses acerca da origem da obra de Pseudo-Ibn Qutayba. Em seguida, o capítulo segue com a preciosa tradução do texto também feita por Jarouche a partir de edições libanesas.

A quinta e última parte do livro – *Contemporaneidades* – é composta por três capítulos bastante reflexivos. Em *Mediterrâneo entre o Oriente e o Ocidente*, o escritor e jornalista Gilles Lapouge retoma os indícios do que teriam sido as primeiras formas de um diálogo entre civilizações: a alteridade inicial, quando o primeiro homem viu seu semelhante e tentou estabelecer algum tipo de relação. Desse primeiro encontro, a história encarregou-se de fomentar um diálogo sempre permeado por momentos de cooperação e confronto, num processo de formação cultural que remete à dinâmica antropofágica dos modernistas de 1922. Mas as marcas deixadas pela passagem do tempo permanecem no território libanês tal qual um palimpsesto, objeto que, para Lapouge, resume o que seria o diálogo entre as civilizações. O décimo quarto capítulo, intitulado *Jogos de Palavras, Diálogos e Identidade*, traz a transcrição da fala do professor de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Salem H. Nasser, no seminário que motivou a organização do livro. Ao refletir sobre como sua ascendência árabe e sua formação no campo jurídico se relacionam com a promoção de um diálogo entre civilizações tão diversas na contemporaneidade, o autor traz provocações muito pertinentes acerca de como seria viabilizada a quebra do estranhamento entre as múltiplas racionalidades presentes hoje no mundo. Finalmente, no último capítulo – *O Levante, o Sagrado e o Ocidente* – Lawrence E. Sullivan, teólogo e professor emérito da Universidade Notre Dame, encerra o livro com reflexões antropofilosóficas sobre os

significados das árvores sagradas para as diversas civilizações no mundo. O autor explica que é justamente através da conexão cósmica e da representatividade cultural proporcionada por essas árvores – entre elas o cedro do Líbano – que as diversidades podem ser agrupadas em um universo orgânico único, permitindo a coexistência das diferenças.

Da pedra à árvore, das reflexões filosóficas clássicas a simbolismos antropológicos, o livro *Diálogo das Civilizações: cultura e passagens*, permite aos leitores uma passagem fluida e muito provocativa pela história do Líbano e sua relação com a multiplicidade cultural do mundo. O diálogo, que não se encerra na linguagem, é composto também pelas racionalidades e simbolismos presentes nas diversas culturas. E mesmo que o tempo apague algumas marcas, a pedra ou o palimpsesto sempre estarão marcados pelos rastros do que permanece presente, mesmo que esteja cerceado pela rigidez estática do passado ou pela incerteza angustiante e potente do futuro.

Enviado: 05/09/2021

Aceito: 06/10/2021